

Marcílio prevê acordo com ^{Dívida Externa} bancos até junho

CORREIO BRAZILIENSE

06 MAR 1992

Nova Iorque — Numa demonstração pública de harmonia e vontade política para o entendimento, rara na acidentada história das relações do Brasil com seus credores nos últimos dez anos, o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, e o vice-presidente do Conselho de Administração do Citicorp, William R. Rhodes, previram ontem que o país e os bancos internacionais chegarão a um acordo de redução e reestruturação da dívida "ainda neste semestre". As negociações devem ser retomadas dentro de duas semanas.

"Tivemos uma discussão muito positiva e otimista", afirmou Rhodes, depois de um almoço que o embaixador do Brasil nos EUA, Rubens Ricúpero, e o ministro da Economia ofereceram a dirigentes de sete grandes bancos americanos, no hotel Inter-Continental. Rhodes, que supervisiona o comitê de bancos credores, evitou falar dos problemas potenciais que existem no caminho de um acerto e procurou enfatizar o lado positivo.

"O ministro nos disse que o Brasil está muito ansioso para chegar a um acordo e os bancos responderam da mesma forma", disse Rhodes. "Agora, é por mãos à obra".

Perguntado, por exemplo, se o fato de o Brasil ter tido que pagar mais do que gostaria para obter o reescalonamento de suas dívidas a governos, no Clube de Paris, não teria um efeito negativo nas negociações, limitando a capacidade de pagamento do País aos bancos, Rhodes classificou o acordo entre os governos e os credores oficiais de "positivo, porque as autoridades podem dedicar-se agora em tempo integral

à busca do acordo com os bancos comerciais".

Sobre a inflação, que precisa cair de forma significativa nos próximos meses para justificar a dura política de estabilização adotada pelo Governo e tornar possível o cumprimento do que for negociado com os bancos, Rhodes disse que confia em Marcílio. "Perguntamos ao ministro sobre a inflação e ele disse que sente que será capaz de observar o acordo com o Fundo Monetário Internacional", afirmou o banqueiro. "Minha relação com o ministro é antiga e sei que ele cumpre o que promete".

O banqueiro defendeu a estratégia gradualista que o governo Collor vem usando, por falta de alternativa, para combater a subida dos preços. "Às vezes é melhor ter um programa realista para baixar a inflação do que políticos que só produzem resultados temporariamente", disse ele, referindo-se a várias estratégias fracassadas que o Brasil experimentou nos últimos cinco anos.

Marcílio esquिवou-se de falar em números específicos. "Não faço previsões exatas sobre a inflação porque isso seria uma interferência do ministro na dinâmica da economia", disse. Ele observou que a taxa de dois por cento mensais de inflação em dezembro, que está implícita nas metas de desempenho negociadas com o FMI, não é um objetivo, mas sim um reflexo da execução de políticas corretas. E admitiu que a meta é alcançável porque para isto convergem as políticas fiscais, monetárias, o aumento da produção agrícola e outros fatores estruturais, como o aumento da produtividade e a abertura da economia".